

**samba e educação básica:  
escolas de samba como modelo de criatividade para a educação**

**samba and basic education:  
samba schools as a creativity model for education**

*Helena Theodoro*

Professora Programa de Pós-Graduação em Filosofia  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-8152-6570>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14218881>

**Resumo:** São muitas as similaridades entre as escolas do sistema educacional e as escolas de samba, já que nos dois espaços a subalternização, exploração e desvalorização dos saberes de quem limpa o espaço, faz a comida ou fantasias são as mesmas. O que as distingue é que nas escolas de samba o corpo é o dono da festa. Nelas EXU, o dono do corpo, está presente na movimentação dos corpos com todos os nossos sentidos, o que caracteriza nossa ancestralidade africana. Usar a criatividade e os movimentos das escolas de samba nas escolas do país irá levar alegria e criatividade a nossas crianças, possibilitando a reunião do povo brasileiro com suas origens. Neste artigo a autora trata de se pode realizar este encontro na Educação Básica brasileira.

**Palavras-chave:** (1) Escolas de samba; (2) Educação básica; (3) Criatividade; (4) Ancestralidade; (5) Corpo.

**Abstract:** There are many similarities between the schools of the formal educational system and the samba schools, since in both spaces the subalternation, exploitation and devaluation of the knowledge of those who clean the space, make the food or costumes are the same. What distinguishes them is that in samba schools the body is the master of the party. At them EXU, the owner of the body, is present in the movement of bodies with all the senses, which characterizes our African ancestry. Using the creativity and movements of samba schools into the educational system will bring joy and creativity to our children, enabling our people to reconnect with our origins. In this article the author discusses whether this merging can be held in Brazilian Basic Education.

**Keywords:** (1) Samba schools; (2) Basic Education; (3) Creativity; (4) Ancestry; (5) Body.

### **Um começo de conversa...**

Tradicionalmente em nosso país, a universidade vem lidando com o conhecimento oriundo de uma visão de mundo branca, hegemônica e universalizante, que conduz a um processo de homogeneização dos diferentes e de perda das identidades culturais brasileiras, não situando o processo de formação pluricultural da nação como fator básico ou preponderante no processo educativo. Sabemos que as pessoas enxergam o mundo através de sua cultura, aproveitando os sentidos para codificá-lo. Os brasileiros suspeitam dos sentidos que não sejam a visão ou o tato, já que precisam ver para crer, pois afirmam que os olhos são o espelho da alma ou que uma pessoa estimada é bem-vista. Desta forma somos levados a construir o mundo real segundo os códigos da sociedade que fabrica ou modela o nosso corpo.

Por conta dessa concepção, a Lei 10.639/2003, que está completando vinte e um anos, trata o ensino da História e Cultura afro-brasileira, bem como a Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o estudo da História da Cultura indígena e afro-brasileira ainda não conseguiram ser uma realidade efetiva no país por sofrerem a influência da concepção europeia do Outro, entendido como diferente e inassimilável. Cabe assinalar que estas leis não prevêm a sua obrigatoriedade nos estabelecimentos de Ensino superior para os cursos de formação de professores: as chamadas licenciaturas.

### **O Outro e seu corpo**

Para o espírito burguês do Século 16, a supressão dos habitantes das Américas foi uma forma de sublimar o Outro que há em cada um, corpo morto, cadáver que um dia seremos. O corpo passa a ser meio de produção e, desta ilusão, surge a sensação de autonomia, sendo que nela se edificou o individualismo burguês, gerador de um corpo-produtor, corpo-instrumento, que precisa ser treinado, modelado, disciplinado, fortificado. O Outro passa a ser o corpo-dominado, que funciona como ferramenta, sendo corpo-alienado, que se troca por um salário ou corpo-mercadoria, vendido como escravo.

A Lei 11.645/2008, ao lidar com a pluralidade brasileira, demonstrou que cada grupo cultural criou o seu espaço do sagrado e do profano, do maravilhoso e do perverso. Desta forma apesar do corpo do trabalhador ser maltratado por inúmeras horas fora de casa, com trabalho pesado e alimentação inadequada, aliados a pouco descanso, o segmento negro, indígena e mestiço, maioria da população do país, usa o corpo como meio de contato com a transcendência, com os ancestrais e os orixás, já que o negro e o povo originário rezam dançando.

Segundo afirma Muniz Sodré, desde o século 16, através das estratégias da *Rainha Nzinga* (de onde veio a palavra *ginga*) o negro utiliza o balanço incessante do corpo, que faz com que ele se esquive e dance ao mesmo tempo, gingando, buscando seduzir o Outro, envolvê-lo, enlaçá-lo, vencendo pela astúcia e malícia a força bruta.

Na cultura negra, o corpo foi caminho da formação de uma maneira própria de ser, de se autoafirmar, onde, através da dança, se transmite o envolvimento emocional, o sentimento de raiz e tradição, bem como uma plasticidade reveladora de uma cultura de resistência, onde se apresentam movimentos de autopreservação e continuidade cultural.

O corpo negro abriga o orixá — força cósmica, energia da natureza, estabelecendo comunicação direta entre o sagrado e o profano. O que este corpo cria de júbilo, de energia, produz uma profunda diferença cultural, que não poderia deixar de ser levada em consideração, em uma proposta de Educação.

### **Tradições negras e indígenas na Educação**

A tendência da pluricultura, que busca valorizar a cultura popular com a introdução das tradições negras e indígenas nos currículos escolares em todos os níveis de ensino, nos mostra a necessidade de efetivação eficaz desta proposta, já que a pedagogia, tanto na cultura negra como na indígena, é totalmente iniciática, com uma didática específica, que se funda no mito e no rito, elementos estruturadores dos valores e saberes dos grupos. Para tornar crianças e jovens competentes em vários sistemas culturais é preciso conhecê-los também de forma iniciática, através de uma metodologia que funciona dedentro para fora.

Falar das escolas de samba, e dos inúmeros papéis que estas desempenham, nos leva a uma nova significação do subúrbio, que sempre se relacionou à ideia de dormitório, como um espaço que se alimenta do centro das cidades. Principalmente na América do Sul, e mais especificamente no Brasil, os subúrbios e as zonas rurais têm um sentido diferente, já que abrigam a população descendentes de escravizados e indígenas. De maneira particular o Rio de Janeiro é um território que nos demonstra tal fato.

Falar da arte desenvolvida no carnaval é mergulhar em um Brasil pouco aceito pela elite e sempre visto com muito preconceito pelas universidades do país. Ao mesmo tempo, verificamos como o vasto saber das antiquíssimas civilizações africanas, trazidas com os escravizados, contribuíram de modo especial para a manutenção das tradições bantas, nagôs e jejês no país, criando um patrimônio que pode ser concebido com um território, entendido como um lugar pertinente, com localização, limites e ação dos sujeitos, criando uma especificidade social que o distingue do restante da sociedade ou de outros territórios, além de criar limites entre o social, a biologia, a língua e a maneira de lidar com o sagrado e o profano.

Criou-se assim um patrimônio simbólico do negro, e uma memória cultural da África, que se afirma como território mítico-religioso. São eles os diversos Terreiros de Umbanda e Candomblé, somados às escolas de samba.

A cultura, que surge nos subúrbios do Rio de Janeiro e se espraia para todo o país, além dos quilombos e manifestações das áreas rurais que, também, nos trazem elementos do pensamento africano que se pauta na memória ancestral vinda com os genes de pais, avós e bisavós, e ali se junta com uma memória adquirida nas vivências da realidade que os cercam.

### **Enredos de escolas de samba como trilhas pedagógicas**

Pesquisar os enredos das escolas de samba, que valorizam os territórios negros e indígenas, contando “causos” e histórias relacionadas a seus territórios, é uma forma de apoio para os professores encontrarem seus alunos.

Cada escola de samba reflete a relação de sua comunidade com o seu território, fornecendo informações e dados importantes para que os professores se aproximem da realidade de seus alunos. *Não se pode esquecer que só se reconhece quem se conhece.* Trazer métodos da Europa para crianças e jovens do Brasil não vai funcionar, já que as pessoas são mais importantes do que os métodos.

A carnavalesca e professora Rosa Magalhães, uma das mais premiadas e criativas do universo do carnaval, apresenta enredos incríveis, comprometidos com a História e a Educação do povo brasileiro. Seu enredo de 1982 para o Império Serrano é um bom exemplo. O samba “*Bumbum Paticumbum Prugurundum*”, de Aluísio Machado e Beto Sem Braço, marcou o carnaval carioca. Rosa conta que se inspirou em Fernando Pamplona, que a indicou e sugeriu como tema a Praça 11, Candelária e Sapucaí, para falar dos lugares do samba. Pensando em Ismael Silva, que definiu a batida do samba como *Bumbum Paticumbum Prugurundum*, resolveu não falar do território e focar no ritmo do “samba de sambar”, que substituiu o “samba de roda”, permitindo que a procissão se tornasse o desfile das escolas e assim criou o enredo.

No enredo de 1989 na Escola Estácio de Sá, fez sucesso com o enredo “*Um, dois, feijão com arroz*”, em que celebra a História e a importância cultural do arroz e do feijão como alimentos básicos na dieta brasileira, além de situar o arroz como fertilizador nos casamentos, como homenagem a *Oxalá no Arroz de Haussá* e na sobremesa arroz doce. A feijoada no samba e a riqueza do “feijão com arroz” mostram sua versatilidade e envolvimento com a vida do povo brasileiro. Este enredo dá elementos para que os professores possam levar os alunos e entenderem a cozinha afro-brasileira, nossa religiosidade negra e as funções em nosso organismo dos ingredientes das feijoadas.

Um de seus enredos preferidos na Imperatriz Leopoldinense, onde atuou por dezenove anos, foi o de 1994 com *“Catarina de Médicis na corte dos Tupinambôs e Tabajeres”*, na qual ela revela que a teoria do bom selvagem – o homem é naturalmente bom é a sociedade que o corrompe – surgiu por conta de nossos indígenas Tupiniquins e Tupinambás, que foram levados como atração na corte de Catarina de Médicis, sendo uma ótima oportunidade para o estudo das culturas indígenas no país e da importância de seus costumes e de suas culturas.

O carnaval de 1995 da Imperatriz nos trouxe outro enredo importante de Rosa Magalhães, que trata do camelo no Ceará, história que se tornou conhecida como *“Mais vale um jegue que me carregue do que um camelo que me derrube”*. Pesquisando sobre camelos e conversando com seu pai o escritor Raimundo Magalhães Júnior, soube que os tivemos no Ceará, descobrindo a expedição que os trouxe e da sua não-adequação ao solo cearense, o que levou o governador do Ceará a ser acusado de camelicídio! Com muito humor e criatividade construiu seu enredo e foi a campeã do ano.

### **E para seguir explorando...**

Com Rosa Magalhães temos inúmeros temas ligados à Cultura, à História e aos acontecimentos importantes da vida brasileira. Com Leandro Vieira temos a valorização dos subúrbios cariocas e do Nordeste...

E há uma riqueza a ser explorada nos enredos do Salgueiro, Viradouro, Portela, Beija-flor no Rio de Janeiro e das escolas de samba de São Paulo. Tudo isso sem falar dos blocos afro da Bahia, como *Olodum* e *Ilê Aiyê*; dos maracatus, das folias de reis e das congadas, que não são elementos folclóricos, mas representam vida pulsante de um povo que se liga aos seus ancestrais e às realidades históricas de seus territórios.

Usar os sambas-enredos e imagens dos desfiles como ferramentas didáticas pode ajudar a alegrar as salas de aula e a integrar professores e alunos em diversas culturas e territórios que formam o nosso país. Muitas são as escolas em todo o país, bem como muitos são os maracatus, os frevos, os bumba-meu-boi, as folias e as congadas, que refletem nossa diversidade regional e as muitas culturas que formam o nosso povo brasileiro.

O que precisamos é procurar caminhos pedagógicos que viabilizem a produção intelectual acadêmica brasileira para além do sistema oficial de ensino, usando a riqueza da pluralidade cultural, construindo um novo professor e uma nova Educação.

### **Referências**

LUZ, M.A. (1995). *Agadá Dinâmica da civilização africano-brasileira*. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA; Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil.

NASCIMENTO, E.L. & GÁ, L.C. (Orgs.) (2009). *Adinkra, sabedoria em símbolos africanos*. Rio de Janeiro, Pallas.

PIMENTA, V.G. (2019). *A escola de samba em movimento: reverberações sobre o chão afro-brasileiro da Acadêmicos do Salgueiro*. Niterói: Tese de doutorado da UFF, Programa de Pós-graduação em Antropologia.

RODRIGUES, M.G. de S. (2001). *Ori Apere O: o ritual das águas de Oxalá*. São Paulo, Summus.

RUFINO, L. (2014). *Histórias e saberes de jongueiros*. Rio de Janeiro, Multifoco.

SANTOS, I. (2019). *Marchar não é caminhar: interfaces políticas e sociais das religiões de matriz africana no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Pallas.

SODRÉ, M. (1983). *Samba o dono do corpo*. Rio de Janeiro, Codecri.

\_\_\_\_\_ (2017). *Pensar Nagô*. Petrópolis, Vozes.

\_\_\_\_\_ (2023). *O fascismo da cor*. Petrópolis, Vozes.

THEODORO, H. (1996). *Mito e espiritualidade mulheres negras*. Rio de Janeiro, Pallas.

\_\_\_\_\_ (2018). *Martinho da Vila reflexos no espelho*. Rio de Janeiro, Pallas.

### **Sobre a Autora**

**Helena Theodoro** é Professora Visitante de Filosofia no Instituto de Filosofia e Ciência Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Filosofia pela Universidade Gama Filho. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Bacharelado em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Premiada com as Medalhas Pedro Ernesto e Tiradentes. É Presidente do Conselho Deliberativo do Fundo ELAS+ e Membro do Conselho Científico do Cais do Valongo.